



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE FARMÁCIA**

DANIEL SOUZA LEMOS

**CONTRIBUIÇÃO DO DOL – DOR ON LINE PARA A EQUIDADE DE GÊNERO NA
CIÊNCIA**

BRASÍLIA, DF

2021

DANIEL SOUZA LEMOS

**CONTRIBUIÇÃO DO DOL – DOR ON LINE PARA A EQUIDADE DE GÊNERO NA
CIÊNCIA**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada
como requisito parcial para obtenção do grau de
Farmacêutico na Faculdade de Ceilândia da
Universidade de Brasília.

Orientador: Dr. Paulo Gustavo Barboni Dantas Nascimento

BRASÍLIA, DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

Contribuição do DOL – Dor on line para a equidade de gênero na ciência

DANIEL SOUZA LEMOS

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SL557c Souza Lemos, Daniel
CONTRIBUIÇÃO DO DOL - DOR ON LINE PARA A EQUIDADE DE
GÊNERO NA CIÊNCIA / Daniel Souza Lemos; orientador
Paulo Gustavo Barboni Dantas Nascimento. -- Brasília, 2021.
46 p.

Monografia (Graduação - Farmácia) -- Universidade de
Brasília, 2021.

1. Educação. 2. Ciência. 3. Equidade. 4. Gênero. 5.
Mulheres. I. Gustavo Barboni Dantas Nascimento, Paulo,
orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gustavo Barboni Dantas Nascimento
(FCE/ Universidade de Brasília)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Hiratsuka Veiga de Souza
(FCE/ Universidade de Brasília)

Prof^a. Dr^a. Thais Alves da Costa Lamounier
(FCE/ Universidade de Brasília)

BRASÍLIA, DF

2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar meus agradecimentos pelas pessoas mais óbvias: os meus pais, que, desde o início, me auxiliaram a estar aqui e a chegar onde cheguei até agora. Nem sempre foi fácil. Eles sempre batalharam para ajudar-me e proporcionar-me oportunidades únicas, que, graças a Deus, consegui aproveitar e continuo a aproveitar cada momento. Então, muitíssimo obrigado por todo o apoio, toda a dedicação e todo o esforço em mim investido, principalmente nos momentos de dificuldades, que tenho certeza de que não foram poucos, porém os planos estão sendo realizados de acordo com o planejado, não é?!

Antes de continuar, preciso enfatizar os agradecimentos à minha “veinha”, que, mais que qualquer pessoa nesse mundo, sempre esteve ao meu lado independentemente da situação e eu serei eternamente grato por todo o suporte que a senhora me proporcionou, foram tantos que eu nem conseguiria citá-los, mas sabemos de todos e estaremos sempre juntos. Hoje posso afirmar com toda a certeza desse mundo que você é a melhor mãe do mundo! Então, mais uma vez, obrigado por tudo!

Gostaria de agradecer a todo o restante das pessoas que fizeram parte dessa caminhada, como alguns familiares que sempre me incentivaram e me deram dicas valiosas. Claro que todos tiveram a sua participação, mas não posso deixar de enaltecer o meu querido Arion, porque tenho certeza de que sem ele as coisas não seriam do mesmo jeito. Com toda a certeza, um dos caras mais incríveis que já conheci e esteve sempre ao meu lado com esse coração puro.

Poderia continuar a citar vários outros como Wesley, Willian, Lindalva, Janete e Reinaldo, mas não iria acabar nunca. Porém, cada um sabe o valor que tem para mim e todos estão cientes do quanto me ajudaram até aqui. Também faço menção aos amigos que acompanharam essa jornada e estiveram comigo durante todo esse tempo, pessoas incríveis que tive oportunidade de conhecer durante essa experiência, inclusive, uma delas acabou se tornando a minha namorada nesse final de curso e provavelmente foi a que pegou o momento mais conturbado de todos esses anos, mas que está me ajudando demais em tudo que está ao seu alcance e fora dele também, juntamente com a família incrível na qual está inserida.

Por último, e não menos importante, a meu grande orientador, Barboni, que está comigo, oferecendo-me várias oportunidades e aprendizados desde a metade do curso e que sempre teve paciência para lidar com os nossos problemas e para resolvê-los da melhor maneira possível, com tranquilidade e bom humor.

Então, o meu mais sincero obrigado a todos!

RESUMO

Em qualquer ambiente é comum se deparar com a diferença numérica entre gêneros. Essa diferença é facilmente percebida no caso da ciência e profissões que tenham relação direta com o cuidado, por exemplo. Dessa maneira, o presente estudo tem como finalidade correlacionar a área de atuação das participantes do projeto DOL - Dor on line com a equidade de gênero, principalmente na ciência, por se tratar de um instrumento que oferece a oportunidade de diversas pessoas terem acesso ao conhecimento científico, tanto estudantes que estão envolvidos com o projeto, quanto a própria sociedade que tem acesso. Diversos estudos mostram que é comum as mulheres seguirem a área da saúde, tendo maior quantidade numérica nos campos de trabalho quando comparado aos homens. Pelo fato do projeto DOL estar inserido no contexto de uma faculdade de saúde e, conseqüentemente, estar em contato direto com o público feminino, se torna relevante discutir sobre o impacto dessa interação, porque geralmente, o público feminino encontra mais desafios e barreiras ao decorrer da jornada acadêmica que o público masculino. Dito isso, é essencial entender as etapas que definem a trilha da mulher na vida acadêmica, as dificuldades e as motivações encontradas durante esse processo, contemplando a sua aceitação nos ambientes de ciências e pesquisas.

Palavras-chave: Educação, ciência, equidade, gênero

ABSTRACT

In any environment it is common to come across the numerical difference between genders. This difference is easily noticed in the case of science and professions that have a direct relationship with care, for example. Thus, this study aims to correlate the area of activity of the DOL - Dor on line project participants with gender equity, especially in science, as it is an instrument that offers the opportunity for different people to have access to scientific knowledge, both students who are involved with the project and the society that has access to it. Several studies show that it is common for women to follow the health area, having a greater number in the fields of work when compared to men. Because the DOL project is inserted in the context of a health school and, consequently, is in direct contact with the female audience, it is relevant to discuss the impact of this interaction, because generally, the female audience faces more challenges and barriers during of the academic journey that the male audience. That said, it is essential to understand the stages that define the path of women in academic life, the difficulties and motivations found during this process, considering their acceptance in science and research environments.

Keywords: Education, Science, Equity, Gender

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC - Associação Brasileira de Ciências

ANR - Atividades não Remuneradas

CONASEMS - Conselho Nacional de Secretarias municipais de Saúde

DEX - Decanato de Extensão

DF - Distrito Federal

DOL - Dor On Line

DPI - Decanato de Pesquisa e Inovação

FCE - Faculdade

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IES - Instituições de Ensino Superior

MNC - Mulheres Na Ciência

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pagina de apresentação da website do Projeto DOL – Dor on line	15
Figura 2: Aba de Editoriais da website do Projeto DOL – Dor on line	17
Figura 3: Aba de edições da website do Projeto DOL – Dor on line	18
Figura 4: Aba sobre a dor da website do Projeto DOL – Dor on line	18
Figura 5: Aba de glossário da website do Projeto DOL – Dor on line	19
Figura 6: Aba sobre a história da website do Projeto DOL – Dor on line	19
Figura 7: Aba de publicações da website do Projeto DOL – Dor on line	20
Figura 8: Aba de contatos da website do Projeto DOL – Dor on line	20
Figura 9: Áreas de destaque da presença e participação feminina em pesquisas científicas brasileiras	25
Figura 10: Editorial do mês no website do projeto DOL e a participação feminina na ciência	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ingresso de alunos nos cursos de graduação, por sexo e faixa etária, UnB, 2019	29
Tabela 2: Estudantes regulares registrados nos cursos de graduação, por unidade acadêmica e sexo, UnB, 2019	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados no projeto DOL Dor on line em relação a gênero nos últimos cinco anos	16
Gráfico 2: Número de estudantes nos cursos de graduação por unidade acadêmica e sexo	33
Gráfico 3: Gênero de participantes do projeto DOL	38
Gráfico 4: Curso realizado no período em que participou do projeto DOL na FCE	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 DOL: Origem E História Do Projeto.....	14
1.2 GÊNERO E CIÊNCIA	22
1.2.1 O público feminino nas pesquisas científicas da saúde	23
2. JUSTIFICATIVA	26
3. OBJETIVOS	27
3.1 OBJETIVO GERAL	27
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
4. METODOLOGIA	28
5. RESULTADOS ESPERADOS	29
5.1 DISCUSSÕES E PERPECTIVAS	29
5.2 CONTRIBUIÇÕES DO DOL PARA A EQUIDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA	30
6. CONCLUSÕES	40
7. REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Para a vida acadêmica, percebem-se algumas singularidades, como a desigualdade numérica entre os gêneros na comunidade universitária, especialmente se tratarmos de áreas específicas como saúde ou tecnologia. O fato é que apenas 29% dos pesquisadores mundiais são mulheres (UNESCO, 2018) e, de acordo com Mello-Carpes et al. (2019), as mulheres, de certa forma, têm mais dificuldades para avançar quando se trata da carreira científica, não se tratando apenas, de ascender na carreira científica, mas também de atuar nesse meio.

Segundo Larivière et al (2013), os estudos mostram que os países que têm uma menor produção de pesquisa científica são aqueles onde há o predomínio feminino ligado à ciência. Se compararmos a quantidade de mulheres que ganharam o Prêmio Nobel e laureados com a quantidade de homens, veremos uma enorme discrepância, com apenas 57 mulheres no total, entre 1901 e 2020. Com apenas uma mulher, Marie Curie, sendo homenageada duas vezes (1903 e 1911), contra 873 homens, incluindo todas as categorias e possíveis repetições (NOBELPRIZE, 2021), logo, esses dados revelam o viés existente de gênero mundial na ciência.

De acordo com o Conselho Nacional de Secretárias Municipais de Saúde (CONASEMS, 2020), as mulheres representam 65% dos profissionais da saúde no setor público e privado. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), algumas carreiras alcançam quase a totalidade, ultrapassando 90%, como fonoaudiologia, nutrição e serviço social. Já em outras áreas, como enfermagem e psicologia, os percentuais são acima dos 80%. No Brasil, entre 2000 e 2013, foi identificado um crescimento constante no número de mulheres que concluem a pós-graduação stricto sensu em nível de Doutorado, e constataram que estão focadas principalmente nas áreas de: Ciências Biológicas, Ciências da Saúde e Humanidades (GROSSI et al. 2016)

Em contrapartida, no mercado de trabalho, a distância entre homens e mulheres atingiu o recorde em 2019 (IBGE, 2021). Segundo Moura (2021), a taxa de mulheres que não trabalham em outros ambientes é de 16,1%, além de gastarem mais de 8 horas com trabalhos domésticos em comparação aos homens, tendo assim menos tempo para designar a outras tarefas como estudos e/ou trabalho; e as desvantagens para mulheres negras são ainda mais acentuadas.

Entender a importância dos fatores como, maior acessibilidade, credibilidade e aceitabilidade masculina, que contribuem para a diferença na equidade de gênero na ciência, pode ajudar a, futuramente, aumentar a conscientização e motivar ações que combatam esses fatores causadores de diferenciação, como discutido anteriormente. Segundo Lima (2008), elaborar esse tipo de conteúdo é tornar conhecida a situação de marginalização das cientistas, bem como impulsionar a elaboração de medidas que possam alterar este quadro de desigualdade de gênero existente nas ciências.

Existem vários projetos de extensão universitária espalhados pelo mundo, cujo foco principal são as Mulheres na Ciência MNC e todos os assuntos correlacionados, como as Atividades não Remuneradas - ANR. Nesse sentido, a Faculdade de Ceilândia (FCE) tem um projeto de extensão cuja finalidade principal é divulgar informações sobre dor, o projeto Boletim Dor on line - DOL, um periódico mensal (2446-6670) que tem em sua equipe de execução na FCE majoritariamente, mulheres que estão diretamente ligadas à ciência, sejam como alunas de graduação, mestrado ou doutorado e também professoras/pesquisadoras que estejam alocadas nessa área de atuação.

1.1 DOL: ORIGEM E HISTÓRIA DO PROJETO

O projeto DOL – Dor on line é desenvolvido em parceria entre FCE/UnB, UFBA e USP/Ribeirão Preto. Este projeto, originalmente proposto e coordenado pelo Prof. Sérgio Henrique Ferreira, da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto, constitui uma importante iniciativa de divulgação científica e popularização da ciência. O projeto DOL apresenta como produtos uma revista eletrônica, um portal e um aplicativo móvel, mantidos por meio de parcerias interinstitucionais, que detêm seu eixo central na articulação entre ensino, pesquisa e divulgação científica, estreitando a relação entre a Universidade e a sociedade.

O projeto DOL – Dor on line objetiva a divulgação de informações a respeito do tema DOR, incentivando o interesse e facilitando a compreensão de notícias e artigos acerca do assunto. O público, visado em sua nova fase, se valida em três contextos: o primeiro abrange estudantes e pesquisadores, o segundo abrange o segmento clínico e especialista em saúde e o terceiro, visa atender o público em geral, por meio de uma linguagem simples e acessível aos diferentes leitores (DOL – DOR ON LINE, 2021).

O conteúdo gerado pelo projeto utiliza uma linguagem simples e direta para divulgar temas científicos de modo acessível aos diferentes tipos de leitores. É veiculado mensalmente pela Revista Eletrônica “Dor on line”, disponível no Portal de Periódicos da UnB, em formato epub, contendo um código DOI (*digital object identifier*) por edição; pelo portal DOL, *website* atualizado mensalmente com conteúdo da edição (<http://www.dol.inf.br>); por meio de redes sociais, com perfis e publicações periódicas no Facebook® e Instagram®; e por aplicativo para ser instalado em dispositivos eletrônicos móveis (MARRA, 2016). A figura 1 apresenta a página online do projeto, com as apresentações de suas respectivas atividades.



Figura 1: Página de apresentação da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte:<http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

A página inicial do site do Dol em seu Front-end, possui opções na barra inferior, onde o público leitor tem acesso a página “Principal”, contendo o editorial de pesquisa do mês, em seguida a aba “Editoriais”, que traz a literatura relacionada a Dor em suas diversas faces, na aba “Edições” o leitor encontra tudo o que foi publicado no site em ordem cronológica. O gráfico a seguir traz em números as publicações dos últimos cinco anos do projeto, realizando uma comparação acerca das publicações desenvolvidas por mulheres e homens.

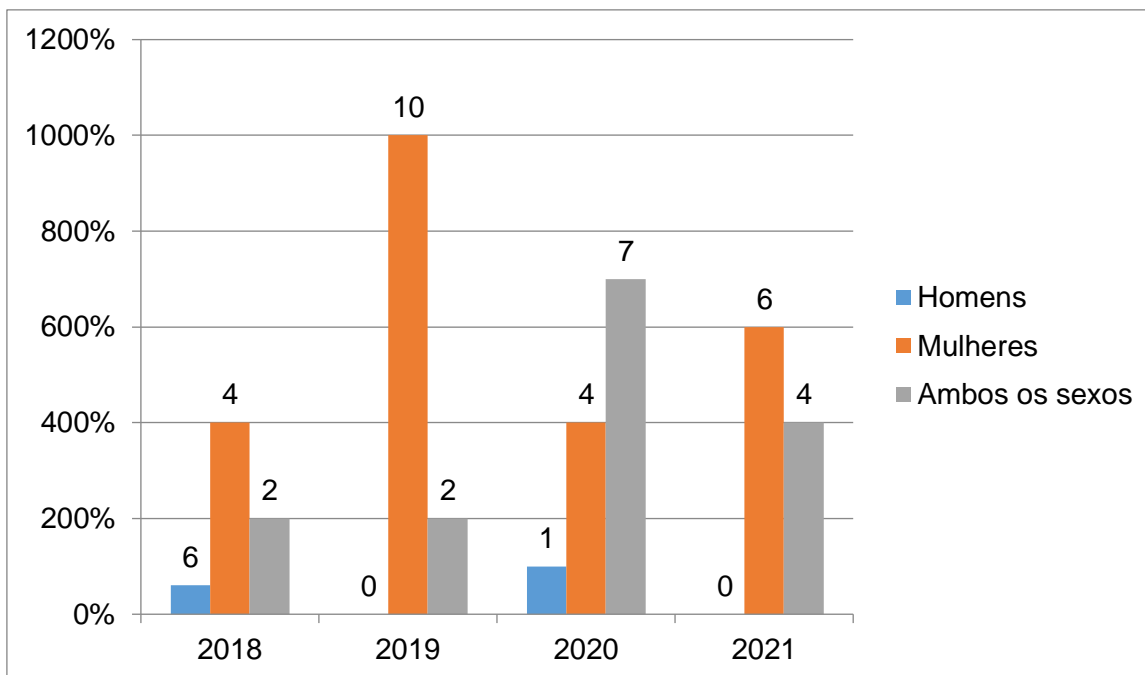


Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados no projeto DOL Dor on line em relação a gênero nos últimos cinco anos.

Fonte: Adaptado do WebSite do projeto DOL (<https://periodicos.unb.br/index.php/dol/issue/archive>)

De acordo com os dados apresentados no gráfico, em uma coleta de dados pelo site do projeto DOL, desde o ano de 2018 até o presente mês de setembro de 2021, há um histórico positivo de participação feminina nos editoriais publicados no WebSite. Em cada período foram observados os editoriais publicados por pesquisadores do sexo masculino, feminino e de forma coletiva por ambos, homens e mulheres. Cabe destacar que no ano de 2019, a presença feminina na publicação de material teve maior destaque, a este fato observa-se a abertura dada a pesquisa científica nos cursos das unidades da FCE e a disponibilidade participativa da mulher. Apesar do destaque em 2020 e 2021, o número de mulheres que participaram da elaboração dos editoriais do projeto caíram, tendo como possível justificativa a não realização dos cursos de forma presencial e as dificuldades enfrentadas pelos membros do projeto em realizar, presencialmente, eventos para as decisões e publicações referentes ao projeto, devido a pandemia da Covid-19.

Na parte “Sobre dor” há uma abordagem para diversos tipos de dor e orientações de tratamentos, na aba de “Glossário”, há um espaço para pesquisa sobre termos relacionados a dor, possibilitando ao leitor compreender mais sobre a dor e sua conceituação. Na aba “Projeto Dol” há uma descrição acerca do projeto e a apresentação de toda a equipe que faz parte do desenvolvimento do conteúdo do site

relacionado ao projeto, que conta com editoriais com maior incidência para as mulheres como autoras. Na parte de “Publicações” há a recomendação de publicações aos leitores e, por fim, na aba “Contatos” são apresentadas as formas de o leitor contatar a equipe de desenvolvimento do portal. Nas figuras de 2 a 8, observa-se a descrição detalhada acima, acerca da organização do website do projeto.

Edição de Julho de 2021 - Ano 21 - Número 252

Editorial do mês: A relação entre dor e saúde do trabalhador



Olá, leitores! Esta edição do boletim Dor On Line traz um importante editorial tratando sobre a dor e a saúde do trabalhador. Na seção de Divulgação Científica temos este mês alertas tratando sobre o Ano Global de Prevenção da Dor Lombar e, sobretudo, os custos disso para o SUS, e a importância da neuroinflamação talâmica neste processo. Temos também alertas tratando de um serviço de apoio a mulheres com endometriose, tratamentos não convencionais para a dor em procedimentos de hemodiálise e um fitoterápico para a neuropatia periférica diabética. Temos na seção de Ciência e Tecnologia temas relacionados com a importância de instruções no enfrentamento da dor, as variações da dor crônica na esclerose múltipla, um próbiótico analgésico, uma importante análise do perfil de dor crônica no Brasil e seu impacto na qualidade de vida dos brasileiros, além dos mecanismos relacionados à prevenção pela natação da hiperalgesia muscular persistente. Boa leitura!

Divulgação Científica



Custos diretos da dor lombar em hospitais financiados pelo Sistema Único de Saúde
A dor lombar e seu custo para o SUS

Ciência e Tecnologia

Como diferentes tipos de instruções influenciam no controle da dor
Preferência por instruções pode ajudar no enfrentamento da dor?

A heterogeneidade da dor crônica na esclerose múltipla
Tipificação da dor como fator primordial para o tratamento



ISSN: 2446-6670

Procurar...

Busca simples

Busca composta

e (and)

Atenção!

As informações contidas neste website não substituem o aconselhamento médico.

Nenhuma das informações disponibilizadas por este serviço tem por finalidade a realização de diagnósticos ou orientação de tratamentos.

Evite a automedicação.

Edição em E-Book



Edição disponível no Portal de Periódicos da UnB, no formato E-Book.

[\[Acessar edição\]](#)

Recomendamos



Livros e cartilhas relacionadas à dor.

Figura 2: Aba de Editoriais da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

Editoriais anteriores

« A dor incapacitante associada à febre Chikungunya: os desafios do tratamento farmacológico
 Publicado em junho de 2021
 O vírus Chikungunya (CHIKV) é um alfavírus que foi isolado pela primeira vez em 1953 durante uma epidemia na Tanzânia. A transmissão do CHIKV ocorre pela picada do mosquito *Aedes aegypti* ou *Aedes albopictus* infectado, por transfusão de sangue... [Continuar]

« Ano Global da Dor Lombar
 Publicado em maio de 2021
 Neste ano de 2021, a IASP (International Association for the Study of Pain, Associação Internacional para o Estudo da Dor) propõe o Ano Global da Dor Lombar, tendo... [Continuar]

« Analgesia preemptiva: é possível prevenir a dor pós-operatória?
 Publicado em abril de 2021
 No início do século XX, o cirurgião George Crile observou que a administração pré-cirúrgica de morfina associada a anestésicos previne a dor pós-operatória [1]. Estudos liderados pelo dentista Clifford J. Woolf demonstraram que a... [Continuar]

« Microbiota e dor: como nossos hóspedes microscópicos podem influenciar a dor que sentimos?
 Publicado em março de 2021
 A microbiota intestinal, ou microbioma intestinal, é o grupo de microrganismos residente no nosso intestino, também conhecido como "flora" intestinal. Embora esse curioso grupo de microrganismos seja conhecido por... [Continuar]


« Dor que queima: o canal TRPV1 e a percepção de estímulos dolorosos
 Publicado em fevereiro de 2021
 As pimentas são frutos picantes, amplamente utilizados na culinária de diversas partes do mundo. A sensação de ardor provocada pelas pimentas se deve a uma substância chamada capsaicina, presente principalmente nas sementes... [Continuar]

« Métodos não farmacológicos que ajudam a aliviar a dor durante o trabalho de parto
 Publicado em janeiro de 2021
 A dor do parto faz parte do processo fisiológico para o nascimento de uma criança e é considerada pela maioria das mulheres como a experiência mais dolorosa de suas vidas. A percepção... [Continuar]


Figura 3: Aba de edições da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>


Temas diversos sobre a dor




Compreendendo e controlando a dor inflamatória




Dor de cabeça




Dores crônicas




Métodos experimentais para o estudo da dor



Artigos e comentários sobre metodologias para tratamento da dor



Repensando novas idéias e conceitos sobre dor



Tratamentos alternativos

Figura 4: Aba sobre a dor no website do Projeto DOL – Dor on line

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

Glossário de termos relacionados à dor

Digite o termo a ser pesquisado

Pesquisar

Termos em língua portuguesa

Termos em língua inglesa

Fonte: Definitions of Pain from Classification of Chronic Pain, Second Edition, IASP Task Force on Taxonomy, edited by H. Merskey and N. Bogduk, IASP Press, Seattle, © 1994.

Estas definições foram reproduzidas com a permissão da International Association for the Study of Pain® (IASP®) e não podem ser reproduzidas para qualquer outra proposta sem permissão.

Figura 5: Aba de glossário da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

Conheça a equipe que compõe o Projeto DOL

O projeto DOL – Dor On Line tem a finalidade de divulgar informações sobre o tema DOR, de maneira a incentivar o interesse e facilitar o entendimento de notícias e artigos mais atuais sobre o assunto. Em sua nova fase visa como público-alvo três segmentos: 1) estudantes e pesquisadores; 2) clínicos e especialistas e 3) público em geral, procurando utilizar uma linguagem acessível aos diferentes tipos de leitores.

O conteúdo do Portal DOL é preparado pelos membros da Equipe DOL, composta principalmente por pesquisadores e estudantes da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo interessados em DOR, e é atualizado mensalmente. O projeto é veiculado de duas maneiras:

- Boletim mensal (nosso alerta), enviado gratuitamente por e-mail para interessados e membros de Sociedades Científicas e afins;
- Portal DOL, website no qual o visitante encontra integralmente todos os tópicos discutidos no mês ou em edições anteriores. Além disso, o leitor pode visitar as diversas seções, onde encontrará artigos e informações direcionadas tanto ao público leigo quanto especializado, *links* para Sociedades Científicas e afins, informações sobre Congressos e reuniões sobre dor, ou, ainda, participar do nosso fórum, dando opiniões ou participando das discussões levantadas pelo público, ou, ainda, questionando nossas posições científicas comentadas em nossos Editoriais ou alertas.



Expediente

⌵ **Editor-Chefe (*in memorian*)**

- **Sérgio Henrique Ferreira**
 - Falecido em 2016 e formado em medicina, foi docente do Departamento de Farmacologia da FMRP-USP e idealizador deste Projeto DOL

⌵ **Colaborador Sênior**

- **Wiliam Alves do Prado**
 - Médico, Professor Titular aposentado do Departamento de Farmacologia da FMRP-USP
 - Principal área de interesse: dor
 - E-mail: wadprado@fmrp.usp.br



Figura 6: Aba sobre a história da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

Publicações recomendadas



Nociceptores: as células que sentem dor

Tradução do livro de Alan Fein, feita para o DOL pelo médico Paulo Petrov e revisada pela Dra. Janetti Nogueira de Francischi, sob licença do autor. A presente tradução, em formato eletrônico e de livre acesso, apresenta uma investigação experimental sobre os receptores sensoriais especializados – os nociceptores – que transmitem as sensações de dor ao sistema nervoso central. Também foi adequada à nomenclatura oficial internacional.

- [Veja aqui o livro completo](#)



"Dor: Princípios e Prática - Capítulo 19: Dor Inflamatória"

Referenciado pela Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor, apresentamos um capítulo do livro "Dor - Princípios e Prática"* (Editora ArtMed), que reúne profissionais renomados tanto do Brasil como do exterior e oferece ao leitor um amplo panorama da dor. Além da descrição dos diversos tipos de dor e das diferentes formas de tratá-los, são também contemplados, entre outros, os aspectos éticos, legais e psicossociais relativos ao tema. O capítulo "Dor Inflamatória" produzido pelo grupo de pesquisa do Prof. Dr. Sérgio Henrique Ferreira, traz o resultado de mais de 30 anos de pesquisa do Laboratório de Dor e Inflamação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP.

- [Veja aqui o livro completo](#)



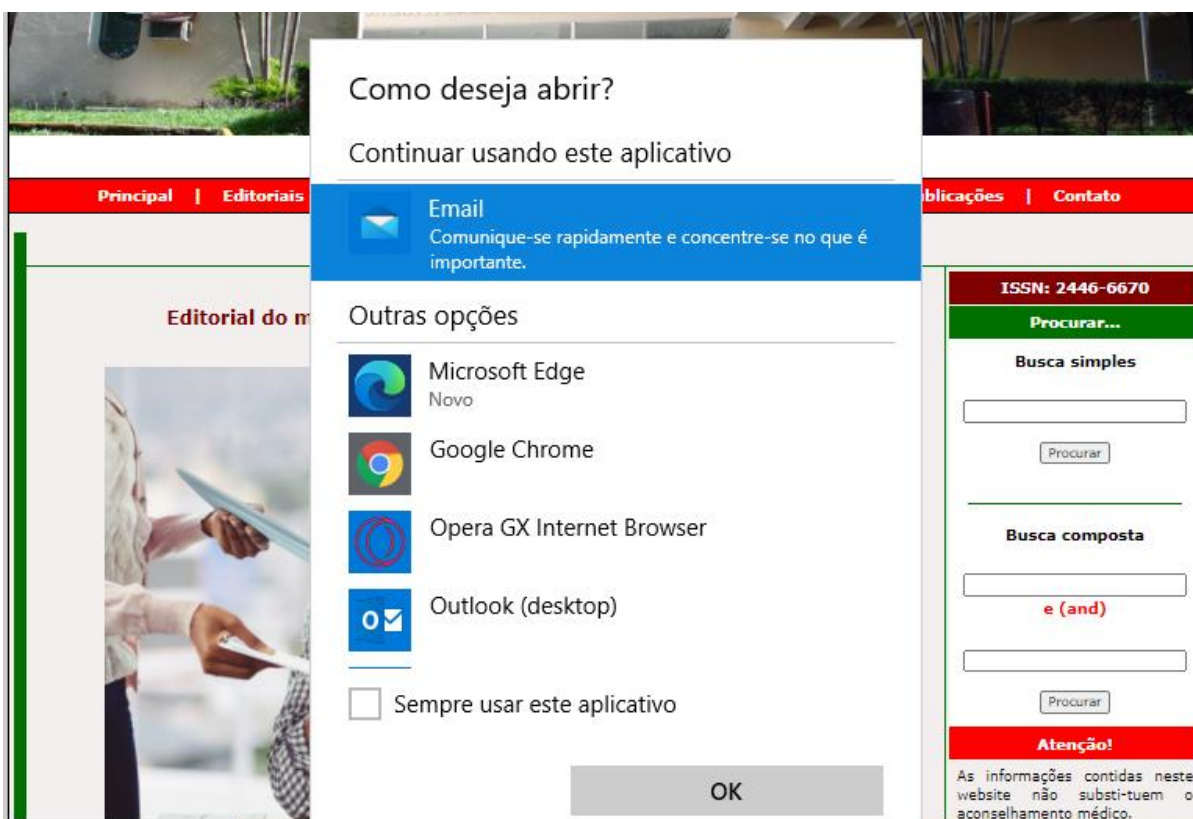
Cartilha de orientação dos medicamentos para dor

O Hospital Erasto Gaertner foi fundado por Erasto Gaertner e sua Liga Paranaense de Combate ao Câncer em 1952, com enfoque no tratamento e diagnóstico do câncer para pacientes que não possuíam condições financeiras para aderir ao tratamento.

Entretanto, atualmente, o hospital possui diversas vertentes em cuidados, em que se pode incluir o setor de Farmácia que criou a Cartilha de Orientação dos Medicamentos para a Dor. Na cartilha há informações de medicamentos acerca da dor e quadros para o usuário escrever as formas e horários em que ingere o remédio. Com o auxílio do presente informativo, o usuário e o profissional de saúde podem ter uma ferramenta a mais que auxilie e avalie as melhoras e possíveis alterações no plano farmacoterapêutico.

Figura 7: Aba de publicações da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>



The image shows a mobile application interface for the website. A central dialog box titled "Como deseja abrir?" (How do you want to open?) is displayed over the website content. The dialog offers several options: "Continuar usando este aplicativo" (Continue using this application), "Email" (with a subtext "Comunique-se rapidamente e concentre-se no que é importante."), and "Outras opções" (Other options). Under "Outras opções", there are four choices: "Microsoft Edge" (marked as "Novo"), "Google Chrome", "Opera GX Internet Browser", and "Outlook (desktop)". At the bottom of the dialog, there is a checkbox for "Sempre usar este aplicativo" (Always use this application) and an "OK" button. The background shows the website's navigation bar with "Principal" and "Editoriais" on the left, and "Publicações" and "Contato" on the right. Below the navigation, there is an "Editorial do m..." section with an image of a person. On the right side, there is a search section with the ISSN number "2446-6670", a "Procurar..." button, and two search forms: "Busca simples" (Simple search) and "Busca composta" (Advanced search). At the bottom right, there is a red "Atenção!" (Attention!) box with a warning message: "As informações contidas neste website não substituem o aconselhamento médico." (The information contained on this website does not substitute medical advice.)

Figura 8: Aba de contatos da website do Projeto DOL – Dor on line.

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDol.html>

O projeto está inserido na pós-graduação por meio da disciplina “Ação Multi-institucional de Divulgação Científica – DOL - Dor on line”, proposta como uma ação integrada entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da FCE/UnB, o Programa de Pós-Graduação em Farmácia da UFBA e o Curso de Pós-Graduação em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa da Fiocruz-BA, com o objetivo de favorecer atividades de popularização da ciência e divulgação científica na pós-graduação.

O desenvolvimento do projeto deu início no ano de 2000 e constitui em uma ação educativa por meio da comunicação midiática no contexto sociointeracionista, desenvolvendo o diálogo, a participação e o protagonismo de todos os que participam do projeto de maneira horizontal, apropriando-se da mídia e de uma linguagem própria no que se refere ao estudo da Dor, construindo e contribuindo para a construção do pensamento e consciência crítica no contexto social, utilizando para isso os recursos tecnológicos da comunicação (NASCIMENTO, 2018).

Além desse objetivo, o projeto visa a promoção da capacitação dos acadêmicos de graduação e pós-graduação em cursos como jornalismo científico promovendo um desenvolvimento crítico dos assuntos direcionados no site, produzindo de forma coletiva, textos relacionados a temática do projeto. O projeto se desenvolve em três Instituições de Ensino Superior (IES), em São Paulo, Bahia e Distrito Federal. No DF, o projeto funciona como extensão na área da Comunicação, tendo como público alunos de cursos de graduação em Saúde, promovendo o raciocínio crítico.

De acordo com Nascimento (2018), o projeto DOL - Dor on line possibilita aos universitários e público em geral, o aprendizado utilizando os princípios que norteiam os cursos de graduação em Saúde da FCE e promovendo um aprendizado significativo e o conhecimento implícitos participantes no conhecimento e na avaliação desse conhecimento, promovendo um ecossistema comunicativo. Para desenvolver os conteúdos, são realizadas reuniões semanais presenciais nas IES, onde há uma pauta pré-definida para a edição do material mensal, a qual se disponibiliza no site www.dol.inf.br e <http://periodicos.unb.br/index.php/dol/index>, como livro digital. As reuniões realizadas têm o objetivo de definir as edições dos temas, discutir as temáticas diante do material pesquisado. O livro digital em formato EPUB atende o aspecto proposto na utilização de novas tecnologias portáteis e usáveis (wearables).

O conteúdo é desenvolvido por membros da Equipe DOL, pesquisadores e estudantes universitários da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo que possuem interesse em DOR e o conteúdo é atualizado de forma mensal. Há duas maneiras de veiculação do projeto: a primeira é por meio de boletim mensal, o qual é enviado por e-mail de forma gratuita para o público de interesse, assim como para os membros de Sociedades Científicas e afins a segunda é por meio do Portal DOL, website onde é possível encontrar os tópicos e temas do mês em discussão, assim como temas anteriores. Há ainda várias seções que podem ser visitadas pelos leitores, tendo acesso a artigos e informações ao público leigo, quanto para o público específico. O portal traz ainda diversos links para Sociedades Científicas e afins, e variadas informações sobre Congressos e reuniões. O público pode ainda, participar do fórum aberto, deixando suas percepções e opiniões, assim como das discussões que o próprio público levanta e questionar as posições científicas nos Editoriais do projeto e alertas desenvolvidos sobre temáticas (DOL – DOR ON LINE, 2021).

Pensando o projeto como uma forma de atender as demandas e discussões científicas, o mesmo se divide na atenção aos dados de pesquisa universitárias, assim como na distribuição de funções aos responsáveis pelo conteúdo, levando a caracterização sistemática do pensamento quanto a equidade de gênero na ciência. Nesse sentido, a UnB num contexto geral, vem trazendo diversos trabalhos no campo da ciência e pesquisas, tendo, majoritariamente, mulheres na coordenação das pesquisas. Num total de 607 grupos de pesquisas, 323 são liderados por mulheres, ou seja, 53% do total, apesar de demonstrar uma lacuna existente no contexto da ciência para a inclusão dos estudantes da FCE em todos os cursos (RODRIGUES, 2021).

1.2 GÊNERO E CIÊNCIA

Dentro das perspectivas sociais, tratar de gênero no contexto da ciência não é algo incomum, tendo em vista que protocolos de pesquisa não definem a condição de um indivíduo para realização de estudos pertinentes a iniciação científica. Porém, apesar dos avanços relacionados a esta temática, observa-se retrocessos na prática nos diversos contextos da ciência. De acordo com a Associação Brasileira de Ciências – ABC (2021) “A desigualdade de gênero na ciência brasileira é evidente tanto pela

análise dos números como pelas consequências sentidas pelas mulheres que buscam a progressão na carreira científica”. Em uma matéria no site da ABC (2021) em 08 de março de 2021, destaca-se sobre o Editorial da Revista Científica *Nature*, que destaca o quanto a pandemia da Covid-19 tem aumentado a inadequação de ampliação dos processos de avaliação e engajamento da participação feminina na ciência.

1.2.1 O público feminino nas pesquisas científicas da saúde

De acordo com a UNESCO (2018), apenas 29% de todos os pesquisadores são do sexo feminino, mostrando que a Ciência não está aproveitando os benefícios da diversidade, pois de acordo com Nielsen (2017) há evidências de que o aumento da diversidade na Ciência, não beneficia apenas grupos minoritários, e sim a ciência como um todo. Diante o exposto, as evidências mostram que as mulheres encontram mais dificuldades para avançar na carreira científica, principalmente pela cultura da presença masculina nesta área (MELLO-CARPES et al., 2019) e também se encontra uma discrepância no mercado de trabalho quando se compara homens e mulheres (IBGE, 2021)

De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), o avanço dos direitos das mulheres contribui positivamente para a saúde e a produtividade das famílias e comunidades e segundo os dados do *World Bank*, a cada ano adicional na escolaridade das mulheres, a sua renda futura tende a aumentar entre 10% a 20%. Dito isso, é fulcral saber e promover eventos que sigam na direção da valorização das mulheres na ciência (MNC), como o evento do grupo da *L’Oreal* em parceria com a UNESCO e a Academia Brasileira de Ciências, iniciado em 2006, *For Women in Science*, cujo objetivo principal é incentivar a participação de MNC e também valorizar as pesquisas por elas desenvolvidas. Como o Dia Internacional das Mulheres e das Meninas na Ciência, comemorado no dia 11 de fevereiro desde 2015, que foi instituído pela Assembleia das Nações Unidas, apesar de só ter sido integrado ao calendário de eventos da Fundação em 2019.

Além disso, as ações das extensões universitárias, que visam estabelecer uma troca de conhecimentos entre as universidades e a sociedade, sendo focadas ou não no tema MNC, podendo, também, ter uma relevância significativa no contexto de inserir a população feminina nas áreas científicas e/ou outras áreas do conhecimento, e até mesmo auxiliar na permanência e progressão do nível acadêmico das mulheres.

Muitas produções científicas, assim como pesquisas com participação da mulher se estagnaram desde o início da pandemia, gerando um embate acerca das questões de gênero na ciência, considerado um divisor de águas. Há uma perceptível disparidade entre gêneros no período da pandemia, configurando a persistência de um velho problema relacionado a ciência. Apesar do último censo da educação superior realizado em 2018 destacar maioria feminina nas universidades do Brasil, a participação de mulheres em pesquisas científicas tem permanecido inerte. No ano de 2017 as ciências da saúde contaram com a participação de 67% do público universitário feminino, já em 2018 esse público caiu para 57%. O que se percebe é um afunilamento da participação feminina na carreira científica (ABC, 2021).

Said (2021) destaca em seu artigo que em um relatório da Elsevier com o título “A jornada do pesquisador através de lentes de gênero” apresenta o cenário mundial do número de publicações científicas e as áreas das ciências em 26 áreas temáticas da União Europeia e em 15 países, incluindo o Brasil. Na pesquisa elenca a participação das mulheres nas pesquisas científicas em áreas específicas da saúde, porém, destaca-se a maior abertura para a publicação de pesquisas por indivíduos do sexo masculino. A figura 9 traz números apresentados na pesquisa das áreas em que as mulheres mais se destacam nas pesquisas em ciências no Brasil.

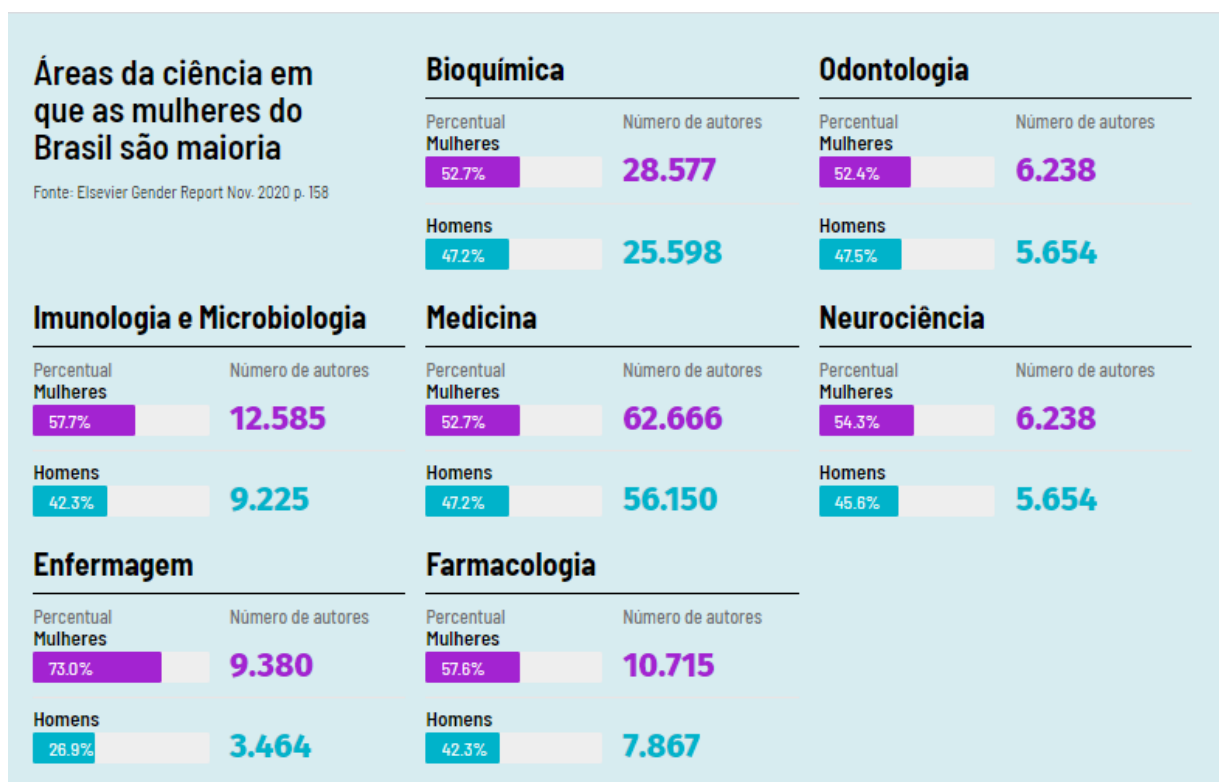


Figura 9: Áreas de destaque da presença e participação feminina em pesquisas científicas brasileiras. Fonte: Said (2021)

Apesar das discrepâncias relacionadas as questões de gênero e ciência, observa-se que a mulher tem um espaço na ciência, destacando a presença feminina nos estudos recentes acerca da Covid-19 e, principalmente, nas pesquisas iniciais de vacinas. É o caso da pesquisadora brasileira Daniela Ferreira que coordenou as primeiras pesquisas em um dos centros que testou a vacina produzida pela Universidade de Oxford. Outro destaque da participação feminina na ciência é para as cientistas brasileiras Jaqueline de Jesus e Ester Sabino, que realizaram o sequenciamento do novo coronavírus, resultados do uso de estudos da Dr^a Ester no período em que pesquisou sobre o zika vírus. Isso demonstra que, apesar de existir dados que comprovem a redução feminina em pesquisas científicas, ainda é possível considerar participações como essa no momento atual da conjuntura social. O que demanda pensar as questões de gênero na ciência como algo, de certa forma, passivo dos investimentos em educação e ciência, englobando a mulher, não como indivíduo/gênero, mas como profissional a favor da saúde (G1, 2020).

De acordo com Queiroz (2020), as últimas décadas marcam a busca de universidades, empresas e de governos na busca de traçar estratégias para novos desafios relacionados a equidade de gênero e a diversidade na ciência. Organizações diversas tem buscado a promoção de mudanças na cultura institucional, possibilitando de diversos perfis estejam em ascensão profissional. Assim, incorporar variáveis relacionadas a sexo ou gênero para a iniciação científica e para as pesquisas, representam uma perspectiva importante para o futuro da ciência.

2. JUSTIFICATIVA

A equidade de gênero, em um contexto geral, está longe de ser uma realidade da sociedade moderna. Desde os primórdios temos consciência de como sempre existiu essa diferenciação, e na ciência não seria diferente. A equidade é benéfica para qualquer sociedade existente e o foco nesse assunto estimula a continuidade no avanço que é percebido.

A realização deste estudo está atrelada a, não apenas à participação feminina nos contextos de pesquisa científica, mas também na apreciação dos trabalhos realizados por elas como forma de abertura a equidade. Há muito, a questão da mulher nos diversos contextos sociais é objeto de discussões e movimentos que buscam esse reconhecimento. Porém, destaca-se que na sociedade científica atual, há exemplos consideravelmente importantes sobre a questão da equidade, ou seja, do direito assegurado a mulher de participar da pesquisa científica e de ser reconhecido seu lugar nestas atividades.

Utilizar o projeto DOL- Dor on line, como forma de desenvolver uma análise e discussão acerca da equidade feminina na ciência é uma oportunidade de divulgação das atividades desenvolvidas pelo projeto, assim como sobre a abertura dada a participação feminina nas pesquisas científicas que são realizadas nos diversos campi da UnB e parceiras. Realizar uma discussão sobre o tema não implica em esgotar as possibilidades de análise, mas dar ênfase para que novos projetos entrem em cena o rol de discussões e que seja reconhecida a necessidade e importância da equidade feminina na ciência, desde o processo de iniciação acadêmica, possibilitando um futuro mais diversificado quando o assunto é a presença feminina nos projetos de pesquisa no campo da ciência.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Discutir sobre como o projeto Dor on line (DOL) e suas ações de extensão contribuem para o acesso à ciência para o gênero feminino, conseqüentemente, contribuindo para a equidade de gênero na Ciência.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar sobre o acesso científico feminino à ciência pela extensão;
- Apontar políticas institucionais de fomento ao acesso científico feminino à ciência;
- Analisar e discutir sobre os processos do DOL que possibilitam e auxiliam o acesso científico feminino à ciência possibilitando a equidade de gênero.

4. METODOLOGIA

O estudo tem como tipo de pesquisa a revisão bibliográfica, um estudo exploratório e prospectivo, por análise documental, abordando informações publicadas na literatura científica sobre a contribuição do projeto DOL – Dor on line para a equidade de gênero na ciência. Na revisão bibliográfica busca-se analisar as teorias acerca do objeto de estudo, contribuído com a discussão das concepções teóricas para alcançar o objetivo do estudo e elencar as principais correntes de pensamentos que enfatizam sobre o tema de estudo.

Para a realização do estudo foram consultadas as bases de dados nacionais e internacionais como fontes de pesquisa. As bases de dados utilizadas foram Capes periódicos, Scielo, PubMed, *Science Direct* e *Web of Science* e *Research Science*, Elsevier, CAPES, UNESCO. Foram consultadas ainda bases de dados governamentais relacionadas à área de ciências e saúde, com vistas a identificar projetos e estudos da ciência com prospecção ao trabalho feminino.

Inicialmente as buscas resultaram na obtenção de 83 artigos relacionados ao contexto da equidade feminina que foram delimitados na pesquisa, posteriormente à leitura dos resumos dos estudos, foram selecionados 24 artigos e monografias, artigos de páginas da área da saúde e no website do projeto, abordando sobre a equidade feminina na ciência e ainda sobre o projeto DOL neste processo. Para a obtenção do material, a pesquisa pelos materiais teve como descritores, equidade, ciência, equidade de gênero, mulheres na ciência e projeto DOL.

Foi realizada uma prospecção de artigos e relatórios utilizando os descritores associados ao tema da pesquisa na língua vernácula e na língua inglesa, ciência, equidade de gênero, mulher, projeto DOL, não havendo restrição em relação ao período de pesquisa do material analisado. Foram encontradas pesquisas relacionadas a equidade de gênero na ciência, complementadas com o estudo e análise do projeto DOL, e após leitura e análise foram selecionadas pesquisas que englobam artigos de pesquisas teóricas e de campo e material na área da ciência, discutindo acerca da equidade de gênero na ciência.

Para a discussão dos dados foi realizada leitura dos artigos encontrados e posteriormente a análise das teorias no material teórico, incorporando alguns dados acerca do tema, contribuindo com o pesquisador ao apresentar perspectivas acerca do projeto DOL na equidade de gênero na ciência.

5. RESULTADOS

5.1 DISCUSSÕES E PERSPECTIVAS

Desde novembro de 2009, foi protocolada uma lei na Câmara dos Deputados, segundo a qual uma empresa que prática discriminação salarial contra as mulheres, será obrigada a indenizar no valor de até cinco vezes a diferença da remuneração em relação ao homem que ocupa a mesma função. Apesar de o Congresso Nacional ter levado mais de 11 anos para aprovar a proposta, é uma grande conquista, pois desde 1999 a Consolidação das Leis Trabalhistas tem políticas que condenam esse tipo de discriminação, porém, a punição ainda era branda e o pagamento era devido ao governo, e não à trabalhadora lesada.

Segundo Ribeiro (2020), um homem branco que concluiu o ensino superior em instituição pública teve uma média salarial de R\$ 7.891,78 entre 2016 e 2019, contra R\$ 4.739,64 de uma mulher branca na mesma situação e R\$ 3.047,01 de mulheres pretas e pardas. E esse padrão se repete, mesmo não fazendo sentido. Na tabela 1, destaca-se, mediante ao que apresenta o tema de estudo a quantificação de alunos que ingressos nos cursos de graduação da UnB em 2019, por sexo e faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	% FEMININO	MASCULINO	% MASCULINO	TOTAL	% TOTAL
Até 18 anos	1.921	55,2%	1.556	44,8%	3.477	36%
De 19 a 24 anos	2.313	49,5%	2.360	50,5%	4.673	48,4%
De 25 a 29 anos	320	44,2%	404	55,8%	724	7,5%
De 30 a 34 anos	112	36,1%	198	63,9%	310	3,2%
De 35 a 39 anos	64	34,4%	122	65,6%	186	1,9%
De 40 a 44 anos	32	29,4%	77	70,6%	109	1,1%
De 45 anos ou mais	56	31,5%	122	68,5%	178	1,8%

FAIXA ETÁRIA	FEMININO	% FEMININO	MASCULINO	% MASCULINO	TOTAL	% TOTAL
Total	4.818	49,9%	4.839	50,1%	9.657	100%

Tabela 1: Ingresso de alunos nos cursos de graduação, por sexo e faixa etária, UnB, 2019.

Fonte: Censo da Educação Superior (2019)

De acordo com a tabela acima, observa-se que a presença feminina em cursos de graduação, que concluíram os respectivos cursos é relativa a 49,9% do total de alunos e mesmo a predominância masculina em 50,1%, não se pode afirmar que há um valor reduzido de mulheres nos cursos e que os conclui integralmente. Muitas dessas mulheres quebram os paradigmas sociais e já concluem seus cursos de graduação, ou ensino superior, com abertura para o mercado de trabalho. Há que se destacar que, mesmo com o número de mulheres que concluem um curso de graduação em uma Universidade, a idade em que se acentua esse feito são mulheres com idades entre 18 e 29 anos. No geral, existe um pré-julgamento, de que as mulheres são o sexo frágil e são menos produtivas, pois tendem a ter mais responsabilidades no lar em comparação aos homens, cumprindo, então, dupla ou até tripla jornada, e também pelo fato de serem as progenitoras.

Uma série de fatores pode causar essas diferenças, afetando os gêneros, estimulando ou desestimulando a seguir certas áreas, como a da ciência. Podendo também diminuir a dedicação a Atividades não Remuneradas - ANR, como o processo de educação, medidas de socialização e até mesmo a estereotipagem social. Apesar de esses fatores citados não terem sido comprovados cientificamente até os dias atuais, há evidências de que o aumento da diversidade na ciência não beneficia apenas grupos minoritários, e sim a ciência como um todo (NIELSEN et al., 2017).

5.2 CONTRIBUIÇÕES DO DOL PARA A EQUIDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA

Segundo Lamounier (2021), a participação das MNC vem ampliando-se a cada ano, podendo estar relacionado à emancipação das mulheres no âmbito social, e à indicação de que se caminha para um futuro de respeito e equidade científica. Apesar de haver uma tímida iniciação científica do grupo feminino, observa-se que esta participação tem ocorrido de forma mais efetiva e com lugar de destaque entre as áreas de pesquisa.

De acordo com Narain (2014), o tema MNC e os estudos que surgiram no final do século XIX e ganharam consistência no século XX, tendo sua origem no feminismo, estão alcançando grandes destaques no meio acadêmico. No Brasil, esses estudos tiveram origem com Fanny Tabak, pioneira nos estudos sobre a participação feminina na política e no ensino superior.

De acordo com a tabela 2, o número de alunos regulares que cursaram por unidade acadêmica ano 1º e 2º semestre de 2019, caracterizam a presença do público feminino.

UNIDADE	1º SEMESTRE			2º SEMESTRE		
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL
CET	233	113	346	238	114	352
FAC	700	470	1.170	693	485	1.178
FACE	1.348	1.990	3.338	1.353	2.039	3.392
FAU	656	307	963	659	297	956
FAV	774	731	1.505	791	744	1.535
FCE	2.006	560	2.566	2.024	570	2.594
FCI	599	364	963	603	353	956
FD	598	789	1.387	601	772	1.373
FE	975	155	1.130	977	168	1.145
FEF	300	599	899	282	611	893
FGA	501	1.999	2.500	524	2.063	2.587
FM	249	295	544	247	298	545
FS	1.443	550	1.993	1.433	562	1.995
FT	1.030	2.585	3.615	1.045	2.539	3.584
FUP	675	561	1.236	630	519	1.149
IB	677	471	1.148	682	477	1.159
ICS	516	347	863	520	330	850
IdA	902	817	1.719	921	780	1.701
IE	397	1.571	1.968	410	1.611	2.021
IF	103	366	469	107	370	477
IG	373	448	821	372	460	832

UNIDADE	1º SEMESTRE			2º SEMESTRE		
	FEM	MASC	TOTAL	FEM	MASC	TOTAL
IH	1.381	1.260	2.641	1.424	1.255	2.679
IL	2.066	958	3.024	2.101	977	3.078
IP	511	196	707	460	181	641
IPOL	244	216	460	241	208	449
IQ	531	585	1.116	518	583	1.101
IREL	262	214	476	270	207	477
Total	20.050	19.517	39.567	20.126	19.573	39.699

Tabela 2: Estudantes regulares registrados nos cursos de graduação, por unidade acadêmica e sexo, UnB, 2019.

Fonte: Censo da Educação Superior 2019

De acordo com os dados da tabela, observa-se que em relação aos alunos regulares registrados nos cursos de graduação, por unidade acadêmica e sexo, o número de mulheres, tanto no primeiro semestre quanto no segundo se apresentam em maior número. No primeiro semestre há um total de 20.050 mulheres e 19.517 homens e no segundo semestre há 20.126 mulheres e 19.573 homens. Esse número representa a participação feminina em unidades de ensino superior e, conseqüentemente, a participação em diversas atividades de extensão e pesquisa que são características do projeto DOL, a abertura à diversidade para a demanda das atividades para a ampliação informativa do website.

Pensar a equidade em um contexto de registrados nos cursos de graduação, por unidade acadêmica e sexo, demonstra que, a presença feminina está propensa a um contexto positivo para a equidade, considerando que a perspectiva de envolvimento feminino em projetos de pesquisa na área as ciências nestas unidades ocorrem de maneira integrada. A equidade destacada está relacionada as todas as áreas as quais pode-se observar a presença feminina, a equidade financeira, assim como a participação feminina de forma igualitária no âmbito da ciência em relação ao quantitativo de participação de homens, tendo grande propensão a superação do número de mulheres em relação ao homem no que se refere aos projetos de pesquisa.

No gráfico 2, destaca-se os resultados da tabela 2, apresentando os dados pertinentes ao número de estudantes nos cursos de graduação por unidade acadêmica e sexo

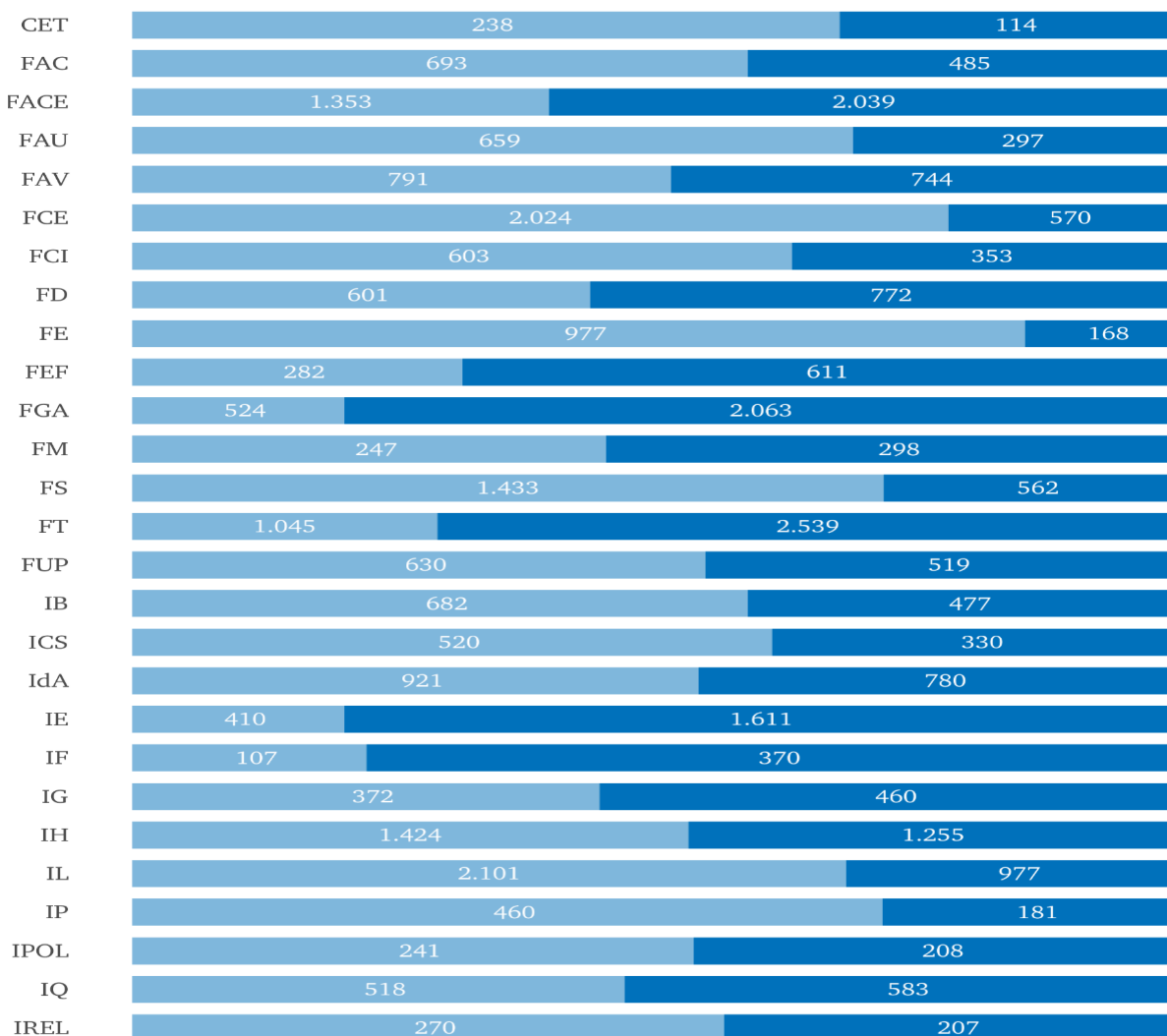


Gráfico 2: Número de estudantes nos cursos de graduação por unidade acadêmica e sexo.

Fonte: Censo da Educação Superior (2019)

De acordo com os dados destaca-se que, essa presença feminina em maior número é uma via que possibilita considerar um processo de equidade aparente e positivo. Possibilita pensar ainda que, a presença feminina nos cursos de graduação das unidades acadêmicas potencializa a questão do avanço desta nas redes de pesquisa em ciências, tanto quanto aprendentes, como ensinantes ou como líderes.

Em 2017, de acordo com o relatório *Gender in the Global Research Landscape* (ELSEVIER, 2017), 49% dos artigos científicos produzidos no Brasil são de autoria de mulheres. Acontece que, segundo Leta (2003), as MNC brasileira, apesar de publicar números semelhantes de artigos com potencial de impacto relacional ao masculino e

com a mesma proporção de participar de colaborações internacionais, ainda recebem menos bolsas de pesquisas que pesquisadores homens, em via de regra, sugere uma maior abertura para a presença e participação masculina do que feminina na ciência.

Segundo Lima (2008), a participação das MNC é efetivada por um processo de inclusão em um mundo já constituído e estruturado em pilares androcêntricos, tendo em vista que a equidade de gênero na ciência não questiona as normas científicas já existentes, mas sim a sua aplicabilidade de forma incorreta, ou seja, demonstra uma preocupação com o sexismo presente na ciência e em todas as áreas do conhecimento. E, desta forma, garante uma produção de conhecimentos livre de pré-julgamentos, sem levar em conta o gênero do pesquisador em questão.

Para se ter uma noção da dimensão das dificuldades que as MNC encontram, voltemos ao Prêmio *L'oreal*. Sabe-se que uma das beneficiárias dessa ação, recusou-se a conferir uma palestra sobre a questão de MNC, o que indica uma recusa em lidar com os problemas derivados de gênero no meio científico discutidos anteriormente.

Segundo Segato (2003), o sexismo automático está incrustado na cultura, tido como natural. Assim como o determinismo cultural, onde os fatores biológicos eram ditadores. Apesar de ser um fato histórico, esses determinismos não podem retirar a possibilidade de luta para uma equidade entre gêneros.

É esperada, em geral, uma diferença significativa na quantidade de homens e MNC, porém, ao se tratar especificamente da área de saúde, o resultado esperado é o oposto, ou seja, uma maior quantidade de mulheres. O projeto DOL, apesar de não estar concentrado apenas na FCE, mas também em outros campi e instituições localizados em outras cidades, cumpre o papel de ajudar e também auxiliar o acesso feminino à ciência. A luta pela equidade feminina na ciência arte de princípios simples, mas que requer uma análise mais aprofundada acerca da importância desse processo, não apenas para a mulher, mas também para a sociedade. Na figura 10, destaca-se o editorial do mês de setembro e observa-se o engajamento feminino na escrita científica acerca da temática sobre “Há risco de uma epidemia dos opióides na Europa?” por Thayane da Silva Roriz.



Figura 10: Editorial do mês no website do projeto DOL e a participação feminina na ciência

Fonte: <http://www.dol.inf.br/Html/Editorial.html>

A esse respeito, observa-se que, no contexto apreciado do website, a questão de gênero não é enfatizada como princípio norteador dos trabalhos de pesquisas, mas a importância da temática no contexto social, possibilitando às mulheres graduandas, pós-graduandas e docentes a participação nos editoriais que complementam o sistema de pesquisa. A partir dos trabalhos de editoria e elaboração dos extensionistas, o projeto faz um contato direto com publicações de alto impacto que colaboram significativamente na graduação e capacitação dos estudantes, pois a lacuna em dor, evidenciada por Bonifácio (2019), mostra que projeto DOL vai em direção oposta, porque, segundo Marra (2016), o fator de impacto médio das revistas utilizadas pelo DOL, mostra que as publicações foram elaboradas sob um padrão favorável à divulgação científica.

Pensando a equidade na ciência o Decanato de Pesquisa e Inovação - DPI UnB, Decanato de Extensão (DEX) (InfoUnB, 2021) desenvolveram Semana Universitária, para impulsionar o debate sobre a questão das mulheres na Ciência, com foco nas docentes, técnicas e estudantes da UnB. O evento foi realizado no dia 28 de setembro de 14h30 às 18h. Esta é a primeira de uma série de ações que visam

debater, de forma ampla, colaborativa e inclusiva, uma política sobre questões relativas à atuação das mulheres cientistas, daquelas que têm sua atividade profissional na academia e da formação das estudantes de graduação e de pós-graduação. O convite foi realizado às professoras, técnicas e estudantes da UnB, interessadas em apresentar, no evento, as ações feitas por seus grupos de trabalho nessa temática.

Diante dessa abertura, observa-se que há uma busca por equidade quando se trata do engajamento e participação feminina na ciência, destacando a importância destas para o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para sociedade científica. A luta feminina para a equidade de gênero inicia a partir da década de 1960 com os primeiros movimentos feministas nos Estados Unidos, ganhando força em diversos outros países que passavam pelo processo de industrialização. O principal objetivo do movimento é a reivindicação pela libertação da mulher e da igualdade de direitos os diversos espaços e contextos sociais. A partir daí, buscou-se levar esse ideal para todos os campos, escola, família, sociedade e outros espaços de convivência (CAVALLI; MEGLHIORATTI, 2018).

Apesar da luta estabelecida por muitas personagens na história do feminismo e do engajamento da mulher, muitos estereótipos foram desenvolvidos e, contribuíram para retrocessos na luta pela equidade de gênero, seja no contexto social ou na ciência. Em ambos o cenário, a mulher teve suas conquistas, porém, a constância em desafios, muitas vezes, além de suas possibilidades, desencadeia o pensamento e a sensação de que a luta parece ser em vão, no que se refere a igualdade ou equidade no que se refere a mulher por gênero.

De acordo com Lamounier (2021) a equidade de gênero na ciência ainda precisa ultrapassar muitos desafios. Ainda há um espaço considerável na sociedade científica para o preconceito de gênero e a falta de visibilidade, os quais precisam ser quebrados amplamente. Concomitante a isso o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência foi comemorado no dia 11 de fevereiro último, marcando um momento em que se observa a valorização da mulher frente a atuação na ciência. Isso acentua ainda mais a luta pela equidade de gênero e a importância da participação da mulher em projetos científicos, pesquisas, engajamento nas universidades em grupos de extensão, assim como na produção científica.

Diante do que foi explanado acerca do projeto DOL - Dor on line, observa-se que não há uma especificidade relacionada a gênero para encorajar a participação de

seus membros, há sim, uma abertura para os acadêmicos universitários que se disponibilizam responsabilmente a desenvolver as atividades inerentes ao projeto em ambos os polos, elucidando a importância da pesquisa-ação. Considerando como fator contributivo para a equidade de gênero por meio do projeto, observa-se ainda um dado importante de pesquisa realizada por Said (2021), divulgada pela Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica sobre o número de autoras nos bancos de pesquisa e literatura da USP, chegando ao quantitativo de 131 mulheres em um total de 500 autores, deste número, as cinco publicações mais citadas são de mulheres.

Neste contexto observa-se que o trabalho desenvolvido no Projeto DOL conta ainda como fator contribuinte para a equidade de gênero, o fato de que o público alvo do mesmo são estudantes e pesquisadores, não destacando o gênero, mas a iniciativa e a ação da pesquisa. A isso Faria (2018) destaca que, a imagem que se tem da mulher ao fazer ciência é a sua trajetória na ciência, produzindo novos conhecimentos por meio do uso das regras da pesquisa, reduzindo erros e finalizando uma produção científica.

De acordo com dados do próprio portal do projeto DOL, um fator contribuinte de grande destaque é a composição das três equipes que atuam para a manutenção do website. Em cada uma das unidades, São Paulo, Bahia e Distrito Federal, observa-se que o número de mulheres que as compõe é maior que o número de homens. No total são 27 universitárias que desenvolvem conteúdos de abordagem do projeto para informação aos leitores, enquanto que, a participação masculina é de 7 universitários. Além desses dados, há participação feminina considerável no trabalho de editoração, colaborações e pesquisas. Assim, observa-se que o projeto DOL pode contribuir para a equidade de gênero à medida em que atua na área da saúde, desenvolvendo estudos acerca da dor no âmbito científico de divulgação. No que se refere ao gênero de graduação predominante há destaque para o feminino, observando-se os diferentes cursos de graduação na área da saúde e na busca da equidade no que se refere aos trabalhos realizados por meio do projeto de extensão de editoria e jornalismo científico o que se destaca por criar um *locus* de enunciação equânime em relação ao gênero (NASCIMENTO, 2021).

Uma recente pesquisa de egressos, realizada pela coordenação do programa de extensão e disponibilizada para esta pesquisa, mostra que, em relação ao gênero dos participantes do projeto DOL, há uma predominância feminina.

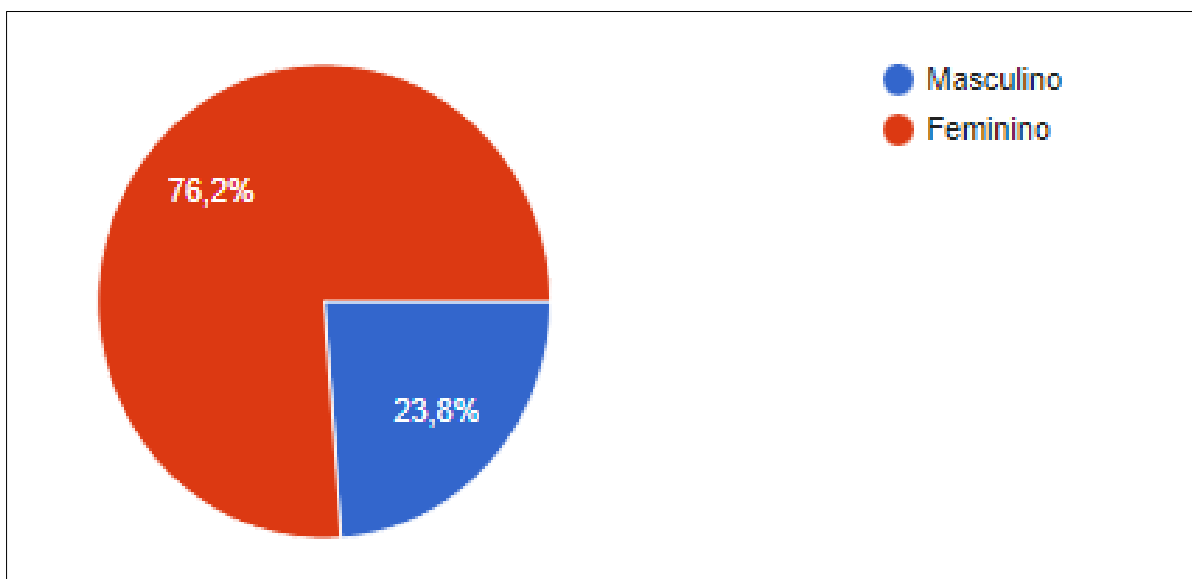


Gráfico 3: Gênero de participantes do projeto DOL.

Fonte: Dol: Projeto Boletim Dor on line, 2021.

Os dados evidenciados no gráfico apresentam a representatividade feminina em um período anterior do projeto DOL. Assim, compreende-se que a iniciação científica destaca na proposta do projeto promove a equidade diante da consideração de que, maior parte do público participante da pesquisa 76,2% é do sexo feminino e 23,8% é do sexo masculino.

Os aspectos que elencam a participação feminina no projeto, destacam que o mesmo possibilita entender a equidade como um processo mais próximo e presente no que se refere a pesquisa científica e no desenvolvimento de iniciação científica feminina em períodos em que se encontram nos cursos de graduação, pós-graduação. Oliveira, Melo e Rigolin (2021) destacam em seus estudos a participação feminina em pesquisas cadastradas no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, além da produção científica em cursos de mestrados e doutorados disponibilizadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT. Os estudos elencam a ascensão hierárquica da mulher nas áreas de conhecimento concebidas como feminizadas, além de prospectar a equidade na ciência.

No que se refere ao curso realizado no período em que participou do projeto DOL, os participantes da pesquisa responderam que,

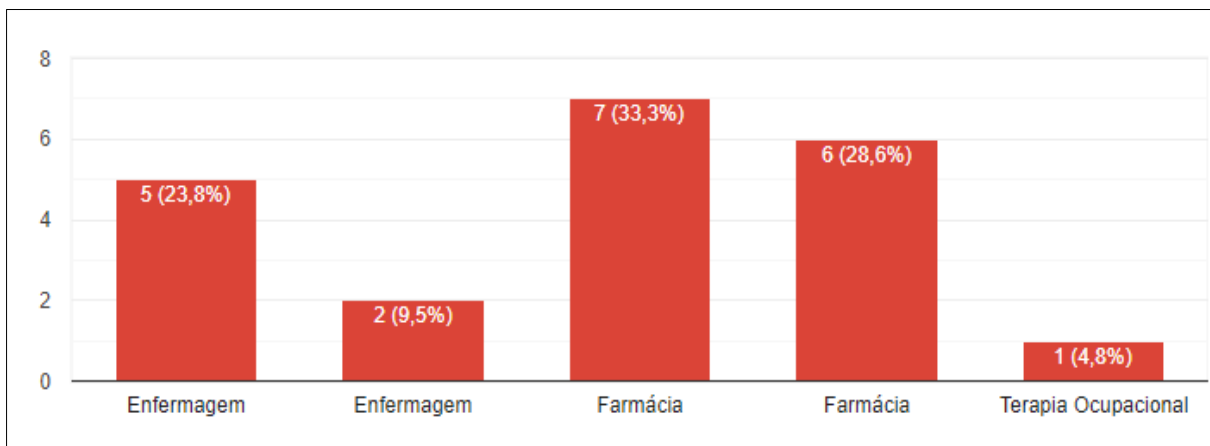


Gráfico 4: Curso realizado no período em que participou do projeto DOL na FCE

Fonte: Dol: Projeto Boletim Dor on line, 2021.

De acordo com os dados acima, os acadêmicos que participaram do projeto DOL na FCE realizavam cursos na área da saúde. 59,9% realizavam o curso de Farmácia, 33,3% realizavam o curso de Enfermagem e 4,8% realizavam Terapia Ocupacional. Assim, observa-se na perspectiva da iniciação científica que, as temáticas de pesquisas realizadas estavam alicerçadas no âmbito da saúde e relacionadas às temáticas do projeto.

De acordo com os dados apresentados, o projeto DOL possibilita a equidade feminina na ciência diante da premissa de que, ao realizar um curso na área da saúde em uma das unidades da FCE, o(a) estudante tem a oportunidade de se posicionar frente a realização de pesquisas que possam trazer informações que são disponibilizadas no web site sobre a dor, abrangendo a área de formação. Assim, destaca-se a importância dos projetos desenvolvidos no campo da ciência nos cursos superiores, possibilitando cada vez mais a presença feminina nas demandas e unidades de pesquisa.

6. CONCLUSÕES

Diante do objetivo do estudo, em discutir sobre como o projeto Dor on line (DOL) e suas ações de extensão contribuem para o acesso à ciência para o gênero feminino, conseqüentemente, contribuindo para a equidade de gênero na Ciência, o estudo traz uma diversidade de análises e teorias que destacam a participação da mulher na ciência. Diante do atual cenário pandêmico vivenciado mundialmente, há destaques importantes na ciência voltados para a participação feminina. O que no Projeto DOL, não deixa de ser uma consideração importante, tendo em vista que, muitos dos editoriais produzidos no decorrer desse período há uma participação efetiva feminina nas temáticas em curso.

A mulher tem buscado o seu espaço em diversos contextos sociais e na ciência não é diferente. E, em consequência das várias contextualizações que defendem a equidade na ciência, portas têm sido abertas para essa participação e equidade, mesmo que de uma forma um tanto simplista. A mulher tem estado à frente de movimentos importantes quando o assunto é ciência e tem deixado registros importantes, que caracterizam a sua eficiência na produção de material e de resultados que beneficiam não apenas universidades ou projetos de pesquisa, mas a sua própria categoria de gênero em relação ao reconhecimento de suas habilidades e competências.

Nas últimas décadas, de acordo com as pesquisas inseridas no estudo, as políticas institucionais que fomentam a participação feminina na ciência são destacadas a partir da instituição de contextos de pesquisa favoráveis à sociedade e não a questão de gênero. As atividades desenvolvidas no projeto DOL destacam a necessidade de se discutir acerca de temáticas relacionadas a Dor e que precisam ser expostas a sociedade enquanto informação e isso tem beneficiado a participação feminina, tanto no desenvolvimento dos conteúdos quando nos posicionamentos relacionados.

Assim, o estudo conclui a importância do projeto DOL - Dor on line na questão do acesso científico feminino para a equidade de gênero e destaca a importância de uma maior abertura para novas discussões, assim como de apresentação de novos contextos que evidenciam essa participação e a sua importância para a ciência. O estudo destaca ainda o trabalho realizado pelos desenvolvedores do projeto DOL com o cunho informativo, destacando também a importância de projetos universitários de

pesquisa e extensão que tenham a visão de proporcionar aos leitores uma diversidade de temas e de participações femininas em um campo que até então observava-se o domínio masculino.

Espera-se com o estudo, contribuir para o campo acadêmico com informações que possam gerar novas discussões e apreciação sobre a questão da equidade feminina, tendo em vista que o campus proporciona um projeto com essa vertente. Reitera-se a necessidade de não esgotar as discussões acerca da temática e deixar em aberto a possibilidade de continuidade de análises que possam contribuir para a ampliação do conhecimento e para a abertura da participação feminina na ciência no âmbito da equidade.

A relevância do tema está relacionada aos anseios pertinentes ao período da graduação em que, por diversos momentos, observa-se a participação da maioria feminina, mesmo entendendo que ainda é possível identificar certa presença masculina. Assim, utilizar o projeto DOL como suporte para o alcance do objetivo proposto se deu mediante as características abordadas e adotadas pela proposta do projeto na formação dos grupos de pesquisa no campo da ciência, e por ser um projeto voltado para a área da saúde e com abertura para a participação da mulher na ciência, não apenas voltado para as acadêmicas de Graduação ou Pós-graduação, mas também das próprias discentes.

O estudo é importante também para a formação e saúde, tendo em vista a aquisição de conhecimentos acerca dos contextos da ciência e a equidade feminina, proporcionada mediante a participação no projeto DOL. Destaca-se ainda a importância desse estudo para a formação farmacêutica e dos diversos estudos realizados visando a ampliação de estudos acerca da participação feminina na ciência e a equidade promovida por meio dos projetos da FCE no projeto DOL por acadêmicos dos diversos cursos.

7. REFERÊNCIAS

ABC. Associação Brasileira de Ciência. **Desigualdades de gênero na ciência brasileira: o quanto ainda precisamos avançar.** 2021. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2021/03/08/desigualdades-de-genero-na-ciencia-brasileira-o-quanto-ainda-precisamos-avancar/>>. Acesso em: 11 ago. 2021

BONIFÁCIO, L. M. R. **A educação em dor para profissionais de saúde com princípio de neurociência.** 2019. 46 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Farmácia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CAVALLI, M. B.; MEGLHIORATTI, F.A. A participação da mulher na ciência: um estudo da visão de estudantes por meio do teste DAST. **ACTIO**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 86-2, set./dez. 2018.

CNN. BRASIL. Lei que cria multa para empresa que paga menos para a mulher vai à sanção. **CNN Brasil**, 01 de abr. 2021. Business. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/04/01/lei-que-cria-multa-para-empresa-que-paga-menos-para-a-mulher-vai-a-sancao>>. Acesso em: 05 de mar. 2021.

CUNHA, M. B.; PERES, O. M.; GIORDAN, M.; BERTOLDO, R. R.; MARQUES, G. Q.; DUNCKE, A. C. As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica. **Educación Química**, vol. 25, n. 4, p. 407-417, 2014. doi: 10.1016/S0187-893X(14)70060-6.

DOL. DOR ON LINE. **Projeto DOL.** Adaptação 2021. Disponível em: <<http://www.dol.inf.br/Html/ProjetoDOL.html>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FARIA, I.B. **A trajetória das mulheres na ciência: as consequências e os desafios de produzir conhecimento em um mundo historicamente masculino.** 2018. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/IZABELLA-BARCELLOS-FARIA.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2021.

FIOCRUZ. Mulheres e meninas na ciência. **Portal fiocruz**, [s.d.]. Páginas especiais. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/mulheres-e-meninas-na-ciencia>>. Acesso em: 22 de fev. 2021.

G1. **Brasileira que coordena testes com vacina para Covid-19 na Inglaterra explica dilema da prova de eficácia.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/05/28/brasileira-que-coordena-testes-com-vacina-para-covid-19-na-inglaterra-explica-dilema-da-prova-de-eficacia.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

G1. **Quem são as brasileiras que sequenciaram o genoma do novo coronavírus.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/08/quem-sao-as-brasileiras-que-sequenciaram-o-genoma-do-novo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Gender in the Global Research Landscape. **Elsevier**, 2017. Disponível em: <https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf>. Acesso em: 06 de mar. 2021.

GROSSI, M.; BORJA, S.; LOPES, A.; ANDALÉCIO, A. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 11-30, 2016. doi: 10.1590/1805-9584-2016v24n1p11.

INFOUNB. Centro Tecnológico de Informática e Comunicação. Semana Universitária: mulheres na Ciência. Decanato de Pesquisa e Inovação - DPI UnB, Decanato de Extensão (DEX). InfoUnB, 2021. Disponível em: <<https://www.unb.br/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

LARIVIÈRE, V.; NI, C.; GINGRAS, Y.; CRONIN, B.; SUGIMOTO, C. R. Bibliometrics: Global gender disparities in science. **Nature**, v. 504, p. 211–213, 2013. doi: 10.1038 / 504211a.

LETA, J.; LEWISON, G. The contribution of women in Brazilian science: a case study in astronomy, immunology and oceanography. **Scientometrics**, v. 57, n. 3, p. 339-53, 2003. doi: 10.1023/A:1025000600840.

LIMA, B. S. **Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal?** As Margens Femininas das Ciências. 2008. 133p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MARRA, T. M. G. **A dor e o Dol – Dor on line como ferramenta de divulgação científica**. 2016. 43 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Farmácia) - Universidade de Brasília, Ceilândia-DF, 2016.

MELLO-CARPES, P. B.; ABREU, A. R. P.; STANISCUASKI, F.; SOUZA, M. A.; CAMPAGNOLE-SANTOS, M. J.; IRIGOYEN, M. C. Actions developed by the Brazilian Physiological Society to promote women's participation in science. **Advances in Physiology Education**, v. 43, n. 2, p. 199-206, 2019. doi: 10.1152/advan.00216.2018.

MENDES, M. V. I.; FIGUEIRA, A. C. R. Women's scientific participation in political science and international relations in Brazil. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019. doi: 10.1590/1806-9584-2019v27n254033.

MOURA, J. Distância entre homens e mulheres no mercado de trabalho atinge recorde. **Correio Braziliense**, 04 de mar. 2021. Cidades DF. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2021/03/4910122-distancia-entre-homens-e-mulheres-no-mercado-de-trabalho-atinge-recorde.html>>. Acesso em: 24 de fev. 2021.

NARAIN, S. Gender in International Relations: Feminist Perspectives of J. Ann Tickner. *Indian Journal of Gender Studies*, vol. 21, n. 2, 2014. doi: 10.1177/0971521514525085.

NASCIMENTO, P.G.B.D. et al. **Projeto Dor on line: Perspectiva Educomunicativa e Uso de Tecnologias de Aprendizagem**. ETD - Educação Temática Digital. V. 20, nº 2,

p.555-569. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325165001_Projeto_Dor_on_line_Perspectiva_Educativa_e_Uso_de_Tecnologias_de_Aprendizagem>. Acesso em: 06 ago. 2021.

NASCIMENTO, G. Entre o *lócus* de enunciação e o lugar de fala: marcar o não-marcado e trazer o corpo de volta na linguagem. **Dossiê. Trab. linguist. apl.**v. 60, n.1. Jan-Apr, 2021.

NOBELPRIZE. Mulheres premiadas com o Prêmio Nobel. **NobelPrize**, 2021. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/lists/nobel-prize-awarded-women>>. Acesso em: 01 de mar. 2021.

OLIVEIRA, J. R.; MELLO, L. C.; RIGOLIN, C. C. D. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Caderno Pagu** (58). 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/TmJbqvbcBzdc9hkFGmjgHZK/?lang=pt>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

QUEIROZ, C. **O gênero da ciência:** Diálogo com teorias feministas abre novas frentes de investigação em distintas áreas do conhecimento. *Revista FAPESP*. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2020/03/018-025_ciencia-e-genero_289.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2021.

RIBEIRO, B. C.; KOMATSU, B. K.; MENEZES-FILHO, N. Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas. **Inspere**, n. 45, p. 1-27, jul. 2020.

RODRIGUES, A. K. Mulheres são maioria na coordenação de pesquisas sobre Covid-19 na UnB. **Metrópoles**, 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/distrito-federal/mulheres-sao-maioria-na-coordenacao-de-pesquisas-sobre-covid-19-na-unb>>. Acesso em: 25 de mar. 2021.

SAID, T. Pesquisadoras revelam os desafios das mulheres para fazer ciência. **Jornal da USP**. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/universidade/pesquisadoras-revelam-os-desafios-das-mulheres-para-fazer-ciencia/>>. Acesso em: 09 ago. 2021.

SEGATO, R. L. **Antropologia y Psicoanálisis:** Posibilidades y límites de un dialogo. 2003. Série Antropologia. Brasília, 2003.

UNESCO. **Decifrando o código:** educação de meninas e mulheres em ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Fontenoy: UNESCO, 2017.